

COSMOLOGIA BANTU-KONGO E CORPOREIDADE NA CAPOEIRA ANGOLA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Glauciane Da Silva Souza¹
Elizia Cristina Ferreira²

RESUMO

O projeto de pesquisa e extensão “Por uma ontologia do ser-do-mundo em latino América: quiasma diaspórico” visava estabelecer um diálogo entre o pensamento da filosofia ocidental na sua expressão contemporânea francesa e o pensamento dito “ancestral” dos povos bantu, tal como ele foi guardado na diáspora latino-americana em geral em algumas manifestações da cultura popular. No rastro das pisadas que nos antecedem nesse solo fértil, dando sequência à pesquisa que temos realizado, esse projeto entra em seu quarto ano de execução, sendo realizado dentro da linha de pesquisa AnDanças, pertencente ao grupo de pesquisa em Geofilosofia e performances do pensamento. O projeto tem como objetivos explorar a possível relação entre o pensamento merleau-pontyano e bantu a partir dos conceitos de quiasma, carne e kalunga; Estabelecer um diálogo filosófico entre pensamento dito “tradicional” e contemporaneidade ocidental.

Palavras-chave: Capoeira Angola Corporeidade Cosmologia Bantu-Kongo .

UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras-Malês, Discente, glaucianessoua@gmail.com¹
UNILAB, Instituto de Humanidades e Letras-Malês, Docente, elizia@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa e extensão “Por uma ontologia do ser-do-mundo em latino América: quiasma diaspórico” visava estabelecer um diálogo entre o pensamento da filosofia ocidental na sua expressão contemporânea francesa e o pensamento dito “ancestral” dos povos bantu, tal como ele foi guardado na diáspora latino-americana em geral em algumas manifestações da cultura popular. No rastro das pisadas que nos antecedem nesse solo fértil, dando sequência à pesquisa que temos realizado, esse projeto entra em seu quarto ano de execução, sendo realizado dentro da linha de pesquisa AnDanças, pertencente ao grupo de pesquisa em Geofilosofia e performances do pensamento.

Queremos pensar a filosofia desde o território que nos constitui em diálogo com o pensamento contemporâneo mundial e tomamos a obra do filósofo francês Merleau-Ponty como possível interlocutor. Em seus últimos escritos, ele reconhece que pensar o sujeito a partir do corpo ou corporeidade, como proposto em sua obra “A fenomenologia da Percepção”, ainda ficava restrito a uma espécie de “má-ambiguidade” na medida em que esse “sujeito corporal” se opõe ao mundo por ele percebido, por isso posteriormente o autor começa a engendrar o conceito de “carne”. Na obra póstuma “O visível e o invisível”, fala então de uma injunção entre a carne do mundo, a carne do corpo.

Isso se estabeleceria a partir de um “entrelaçamento e de um quiasma” nos permitindo pensar não mais num “ser no mundo”, conceito em voga nas discussões de sua época, mas num “ser-do-mundo”. Nesse sentido nos perguntamos: o que acontece com o caso latino-americano? Como podemos, desde nossa experiência, contribuir para os problemas filosóficos mais atuais? São questões como essas que tal pesquisa pretende enfrentar.

O projeto tem como objetivos explorar a possível relação entre o pensamento merleau-pontyano e bantu a partir dos conceitos de quiasma, carne e kalunga; Estabelecer um diálogo filosófico entre pensamento dito “tradicional” e contemporaneidade ocidental; Refletir sobre a complexidade da relação contemporaneidade-tradição em que se enquadram as manifestações populares estudadas; Contribuir para reflexão acerca de um pensamento latino-americano em filosofia; Contribuir para as discussões sobre diferentes metodologias filosóficas possíveis; Analisar a gestualidade e expressividade corporal na capoeira por meio de um levantamento teórico sobre textos das mais diversas áreas, da sociologia, antropologia, história, entre outras.

METODOLOGIA

Temos empreendido, desde uma metodologia interdisciplinar, investigações acerca do corpo e das performances que além de mobilizar teses filosóficas (sobre a noção de corporeidade) mobilizam também os corpos dos participantes.

Partindo das mais variadas manifestações culturais brasileiras trazidas à diáspora por povos de determinadas regiões do Continente Africano, podemos pensar saberes, redescobrir conhecimentos.

A Bahia detém um rico agregado dessas manifestações, cita-se aqui o objeto de estudo _Capoeira Angola_



partimos dessa fonte central de saberes, para trazer outras perspectivas de conhecimento, numa tentativa de resgatar entendimentos e pensamentos filosóficos resguardados. Para desenvolver o estudo tivemos como principais referências “A cosmologia africana dos Bantu-Kongo” de Bunseki Fu-kiau e a “Fenomenologia da Percepção” de Merleau-Ponty, promovendo um diálogo entre o pensamento ocidental contemporâneo francês e o pensamento ancestral dos povos bantu.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Bantu é um tronco linguístico comum a cerca de 400 grupos étnicos presentes em pelo menos 18 países do Continente Africano, assim pode ser considerado uma fonte significativa para compreender o pensamento, princípios e valores de parte de uma parcela da sociedade africana e do Brasil. Isto porque "dos quatro milhões de indivíduos trazidos da África subsaariana para o trabalho escravo no Brasil, 75% eram provenientes do mundo bantu falante, de territórios situados atualmente em Angola e nos dois Congos" (CASTRO, 2005).

Compreendendo essa identidade bantu intrínseca em nossa cultura, recorremos a “A cosmologia africana dos Bantu-Kongo” traduzida e analisada por Tiganá Santana. Em sua obra Bunseki Fu-Kiau nos apresenta a possibilidade de debruçarmos sobre a rica cosmologia bantu-kongo, um sistema de pensamento tanto ancestral, como presente que nos revela uma interpretação do processo de funcionamento do mundo paralela a que nos é colocada pelo Ocidente.

Segundo o entendimento filosófico de vida e de mundo kongo, estamos em um movimento incessante, vida a partir da vida. Kalunga fonte de vida, força em transformação constante, dingo-dingo (processo voltívolo e renovado/recombinado/redimensionando as coisas, movimento incessante, SANTANA, 2019, 114). "Eu estou indo-e-voltando-sendo em torno do centro das forças vitais. Eu sou porque fui e re-fui antes, de tal modo que eu serei e re-serei novamente" (FU-KIAU, 2001 in SANTANA, 2019).

Este movimento vital é ilustrado no cosmograma bantu (Dikenga Dia Kongo). O cosmograma trata-se de um registro, uma leitura escrita, conforme aponta Tiganá Santana (2019, p.127) do movimento do mundo e da vida na cosmologia bantu -kongo. Movimento circular anti-horário quadripartite em que o indivíduo, assim como o sol, tem o momento encoberto (Musoni, I etapa), ser (kala, II etapa), chega ao seu topo (Tukula, III etapa) e se põe (Luvemba, IV etapa).

Nas palavras de Tiganá Santana (2019, p. 127) os quatro estágios do cosmograma Kongo dizem respeito a um mapa interativo do mundo e dos acontecimentos, da realidade existencial de todas as coisas. Conforme, o cosmograma bantu, o primeiro estágio ou Musoni é o ser não físico, ideia, intuição, o que não se fez ver; Kala é ser, vivo, existente, físico, corporificação; Tukula a trata-se do amadurecimento e desenvolvimento, momento em que as coisas estão ativas; e por fim Luvemba estágio da desintegração física, o morrer, mas um findar para recomeçar, ou seja, transformação para voltar ao Musoni.

Quando se inicia a ladainha, louvor aos ancestrais, mestres antigos. Os capoeiristas que vão jogar permanecem “agachados” ao pé do berimbau, à espera do momento para iniciar o jogo. Podemos fazer aqui um paralelo com o V1 (musoni, vangama), momento em que houve um desprendimento do mundo físico e o



corpo prepara-se para renascer, nesse período o jogo se encontra no mundo dos não vivos, imaterial.

Movimento inicial da capoeira, a ginga é considerada gesto primordial, dela derivam os demais movimentos, iniciam-se e terminam-se os golpes gingando, nascimento-morte do movimento para dá origem a um novo, momento de transformação, onde tudo se encontra, o Musoni.

Merleau-Ponty preocupa-se com esse duplo movimento, por um lado precisamos de essências para compreender um mundo, ou seja, para vislumbrar as essências é necessário afastar-se da experiência imediata, e de algum modo voltar a ele, o mundo, já que é dele que partimos. Nesse sentido, compreender a essência da consciência talvez seja a mais misteriosa e também é o objeto de interesse desse estudo, voltar à facticidade, ao mundo vivido, ao corpo, ao percebido. E assim, articular a filosofia fenomenológica de Merleau-Ponty e a expressão corporal das danças afro-brasileira, bem como a Capoeira Angola.

Para Mestre Pastinha importante mestre da capoeira angola, ninguém joga igual a ninguém, cada corpo ao se movimentar na roda carrega consigo a ginga "mesmo dentro de um jogo de movimentos e golpes definidos, é a expressão desses que marca a singularidade e o estilo de cada jogador" (IPHAN, 2007).

O mundo tem sentido a partir de nós, transitamos entre o interno e o externo sem que um exclua o outro. Aprendo o movimento na observação, crio, interpreto frente ao ritmo, meu movimento tem parte de mim, do que sou, de como penso me coloco no mundo. Extraio do externo, mas só consigo fazê-lo a partir de mim mesmo, minhas experiências e percepções. O corpo habita nessa lógica de mundo e de existência, enquanto objeto consciente de si e da realidade. O indivíduo não existe para além do mundo, existe nesse mundo. O movimento corporal é uma forma de expressão do pensamento, de conexão com o mundo. O corpo fala, emite significados, crenças não verbais que traduzem o mundo, interagem com o outro e com o ser do mundo.

A linguagem, nesse caso, entendemos a linguagem corporal, traduz minha existência no mundo, pois assim como entendem os bantus, o que é proferido emitido no mundo se eterniza e também já pré-existia a esse aparecimento em kala. Tudo o que fazemos existe para sempre, mesmo que um evento expulse o outro em nosso pensamento, ainda assim está impresso na realidade. Isto porque faz parte da história de cada um de nós, da nossa verdade.

O cogito tácito é o experimentado, este entendimento trazido por Merleau-Ponty se contrapõe a corrente intelectualista, em que a percepção da realidade ou ainda a interação do corpo com o mundo ocorre por meio dos sentidos.

Nosso corpo, conforme aponta Merleau-Ponty, é fonte de interação com o mundo e com o outro, nossa existência é condicionada a um corpo, pensamos porque existimos. Assim sendo, o corpo é objeto de interação com o mundo, um corpo que resguarda tempo, conhecimento e filosofias.

CONCLUSÕES

A gestualidade da expressão corporal, assim como o exemplo da linguagem, sob as lentes da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty pode também ser entendida como expressão da cultura, transmitida através



do tempo, adquirindo formas, interpretações e significados atemporais. Toda verdade é uma experiência de nós com um mundo. Eu estou fora de mim e dentro do mundo, enquanto Eu sou o mundo.

A roda de capoeira é uma forma de ensinamento, sua ginga, simbologia de movimentos, cantos, sons e instrumentos expressam acima de tudo, práticas e rituais de herança africana, que nos remete a noção de tempo, espaço e vivência, uma filosofia impressa nos corpos humanos e não humanos da roda. Há a materialização da capoeira por meio do corpo é esse que dita o ritmo, a capoeira se faz no corpo que faz a capoeira, ou seja, cada indivíduo encontra seu jogo no movimento, frente a capacidade de transformação, dingo-dingo, que a capoeira tem no corpo.

O indivíduo, bem como tudo na filosofia bantu, existe em um ciclo vital ininterrupto. No movimento de existir cada sujeito é um ser único, que constrói sua verdade através de sua experiência e práticas, assim atenta Merleau-Ponty. Esse exercício de reflexão das experiências, coloca o indivíduo como ser no mundo.

Colocada pelo colonizador como única, válida, e verdadeira fonte do saber, a filosofia ocidental e seus fundamentos de vida e do mundo pode ser aproximada de filosofias distintas, contemporâneas ou não. Aqui buscamos ilustrar possíveis familiaridades de pensamentos e produção de conhecimento. É o início de um longo caminho que nós pesquisadoras do AnDanças UNILAB/MALÊS nos propusemos explorar, para reconhecer e disseminar os conhecimentos que nos foi negado, para isso não precisamos renegar o que está posto, podemos encontrar semelhanças, diferenças que podem conviver em harmonia, sem hierarquias ou homogeneização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UNILAB por prezar pela produção de conhecimento e assim fomentar projetos de pesquisa e extensão da qual sou bolsista. Agradeço a todos que compõem o grupo de pesquisa AnDanças pelo acolhimento e partilha, à minha orientadora Elizia Cristina por todo apoio, obstinação e competência, necessários para a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Wallace de Deus (org.) Dossiê: inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil. IPHAN: Brasília, 2007.

CASTRO, Yeda Pessoa. 75% dos escravos levados para o Brasil eram banto. In MELO, Adriano de. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=2889> Acesso em: 10 de abr. de 2020.

FERREIRA, Elizia Cristina. Expressividade e gestualidade afro-brasileira. in Festschrift aos 20 anos de simpósio de filosofia moderna e contemporânea da Unioeste .



CARDOSO, Libanio; FREITAS DA SILVA, Claudinei Aparecido; KAHLMEYER-MERTENS, Roberto S. (Organizadores). PR: EDUNIOESTE, 2016.

FU-KIAU, Kimbwandende Kia Bunseki. A sacralidade do mundo natural. Tradução Makota Valdino Pinto. Disponível em: <http://www.acbantu.org.br/img/Pdfs/sacralidadedomundonatural.pdf> (consultado em 01/03/2017 às 10:20). Palestra. Disponível em: <http://www.campodemandinga.com.br/2011/08/palestra-do-dr-fu-kiau-salvador-1997.html> (consultado 28/02/2017).

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Tradução Carlos Alberto Riberio de Moura. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 662p.

SANTANA, Tiganá. A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. 234 p. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

